

Cartas de Paris – Sociedade Sínica

Sempre gostei dos meus amigos filósofos; na minha juventude, bastava ser um “filósofo de boteco” para ser erigido ao “cargo de presidente da mesa”, geralmente num dos inúmeros bares da Rua Guajajaras, entre a Rua da Bahia e a Rua Espírito Santo, na minha sempre querida Beagá. Entre um copo e outro, entrávamos noite adentro, sempre ao som de um bom e velho *rock 'n' roll* (Pink Floyd e Led Zeppelin) e, nos momentos de maior reflexão, o inexorável Alceu Valença. Conversávamos sobre a sociedade e a política (na época, era o neoliberal Fernando Henrique Cardoso; atualmente, numa revisitação histórica, parece-me que virou um governo de esquerda. Como vivenciamos uma guerra de narrativas, minha inteligência mediana não tem a mínima pretensão de cravar se era isto ou aquilo. E, francamente? Isso não importa!). O que importa é que, relembando bem, acho que a ordem dos assuntos era: amores platônicos, política, sociedade e filosofia.

O tempo passou — e passa muito rápido! —, como diria Oscar Niemeyer: “a vida é um sopro!”. E olha que ele praticou todos os “efes” da vida (fumou, farreou, foi famoso) e, de quebra, viveu mais de cem anos. Com essa contínua progressão da existência, além dos cabelos brancos, vem também a experiência. Hoje sei que, para todo problema complexo, existe uma solução simples, elegante e completamente errada; percebo quando estou sendo enrolado (para estes casos, utilizo como contra-ataque “fingir que acredito”. Sempre dá certo e eu recomendo!); não acredito quando reuniões ou grupos de trabalho são convocados para resolver problemas — pelo menos na burocracia da administração pública. São muito bons para tirar boas fotografias e consumir mais café!

No entanto, uma coisa não mudou na minha vida: ao longo do tempo, mantive minha predileção pelos amigos filósofos, só que agora com mais estofo doutrinário. Dessa forma, venho acumulando um capital social invejável: são professores, jornalistas, antropólogos, bacharéis da vetusta escola do Direito. E tive o prazer de somar a esse rol um casal de professores universitários cuja esposa recentemente regressou da China, após uma breve temporada de estudos sobre o Direito e a sociedade sínica (isto mesmo, sínica com “S”; a com “C” poderia ser facilmente aplicada à bolha social que existe no planalto brasileiro).

Alguém aqui já ouviu falar em meritocracia política? Expressão que escutei desse casal durante um almoço em Maceió. É o que tentarei concatenar a partir de agora, mas já antecipo que merecerá um segundo artigo. O marido (professor da UFPE) parecia mais empolgado do que a própria esposa que, de fato, esteve na Ásia. Tentou construir boas argumentações de que o país do Dragão viveria uma espécie de “democracia confucionista” (em alusão ao educador e filósofo Confúcio e, em antagonismo, à nossa compreensão francesa de tripartição de poderes). Pediu que eu fizesse a abstração mental de superar o pensamento iluminista de John Locke e de Montesquieu, mas a lembrança do massacre da Praça da Paz Celestial me impedia o raciocínio. Mas este, literalmente, não era o ponto.

A novidade era o que eles traziam na mala (ops, na mente): um fato que ajudaria a explicar (dentre outras variáveis sociais, por óbvio!) a ascensão meteórica da vida econômica do povo chinês. Nessa complexa hibridez social (Estado fechado / Economia aberta vetorial), transitaram, em apenas quatro décadas, da miséria absoluta para a prosperidade material. Pelos professores, foi

dito que o nosso maior parceiro comercial se estrutura numa pirâmide em que a base desse poliedro seria composta, de um lado, pelo poder econômico; do outro, pelo corpo social. No vértice, estaria a Assembleia Popular Nacional, que concentraria as funções legislativa, executiva e judicial. E, no centro dessa poligonal social, estaria o Partido Comunista Chinês, que irradiaria vetores e valores para os vértices.

E agora começam os detalhes: para ingressar no PCCh, existe uma espécie de concurso (à semelhança de um vestibular); o sistema eleitoral contemplaria eleições diretas para os condados. Quando eleitos, os gestores e a população local entrariam numa espécie de grupo de WhatsApp e, naquele ambiente virtual, o cidadão poderia reclamar de um buraco na rua ou de um esgoto vazando. Lá, a questão não seria se a obra será ou não realizada; o que o povo observa é a presteza e o tempo levado para resolver o problema. Quem demora mais, geralmente não volta para o circuito político. Quem soluciona mais rápido, retorna e pode ir subindo na divisão administrativa do Estado.

Não há espaço para *outsiders* nem para os inexperientes. Com o microfone e com os cortes de Instagram, pode-se tudo! Fala-se o que o povo quer ouvir, criam-se narrativas e factoides que nos inebriam. O planejamento e a realidade sempre ficam para depois. Li, em Mario Sergio Conti, que existiam políticos que queriam administrar do alto dos palanques. Passados quase 40 anos, no Brasil as coisas mudaram: saiu o palanque, entraram as redes sociais. Enquanto isso, a China lhe envia lembranças e belíssimos carros eletrificados.

Frederico Alves Monteiro Pereira

Promotor de Justiça de Delmiro Gouveia e Água Branca